

**SILÊNCIOS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE MATEMÁTICA:  
Reflexões a Respeito de uma Publicação Gaúcha.**

**Márcia Souza da Fonseca<sup>1</sup>**  
**Diogo Franco Rios<sup>2</sup>**

**RESUMO**

Este texto trata dos silêncios que marcam os discursos que a sociedade institui nos sujeitos educandos quando, através do livro didático/escolar, estabelece valores de verdade, estabelece quem pode dizer a verdade e quem deve ser sujeito desta verdade ou, que deve torná-la uma verdade verdadeira.

A partir de uma perspectiva de inspiração foucaultiana busca-se traçar a normativa que se entranha no livro *Aritmética – 1º ano elementar*, de autoria de Cecy Cony e descrever as relações de poder/verdade que se revelam em algumas imagens/falas inscritas no livro. Tais falas não dizem respeito só aos saberes matemáticos, mas a questões de gênero, de etnia e às questões sociais colocadas à época de sua escrita, a saber, no Brasil, em 1938, período em que a Escola Nova ganhava impulso no país.

**Palavras-chave:** História da Educação Matemática. Livro Didático. Discursos. Rio Grande do Sul.

**INTRODUÇÃO**

*Dois olhos, duas orelhas  
Só a boca não tem par!  
Quer dizer que é mais prudente  
Ver e ouvir do que falar.*  
(Hilário Ribeiro)

A epígrafe que dá início a este artigo é um pequeno poema utilizado na introdução ao trabalho com números pares, presente na página 26 da 2ª edição do livro *Aritmética – 1º*

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação, docente da Universidade Federal de Pelotas – UFPel.

E-mail: mszfonseca@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências, docente da Universidade Federal de Pelotas – UFPel.

E-mail: riosdf@hotmail.com

## XIV Seminário Temático

### Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970):

#### Sobre o que tratam os Manuais Escolares?

Natal – Rio Grande do Norte, 21 a 23 de março de 2016

Universidade Federal Rio Grande do Norte

ISSN: 2357-9889

2

*ano elementar*, da Coleção S. T., de autoria de Cecy Cony<sup>3</sup>, editado em 1938 pela Livraria Selbach de Porto Alegre, Rio Grande do Sul<sup>4</sup>.

Em defesa da prudência, o poema indica comportamentos esperados das crianças, associados com valores culturais que marcaram uma época e, em consequência, uma cultura escolar. Pode-se dizer ainda que ilustra também os silêncios que a sociedade instituiu nos sujeitos escolares quando estabelece o sentido das palavras e a quem é permitido o poder da fala.

Este texto apresenta algumas reflexões iniciais a respeito dos silêncios que a disciplina de matemática, em seus discursos, instituiu nos sujeitos educandos quando, através do livro didático/escolar, estabelece valores de verdade, estabelece quem pode dizer a verdade e quem deve ser sujeito desta verdade ou, que deve torná-la uma verdade verdadeira.

Entendemos o livro didático como um ator social, reconhecendo a função ativa que possui enredo dos processos educacionais e na circulação de ideários pedagógicos, aqui, no caso, a Escola Nova.

Além disso, ao escolhermos analisar um livro didático, reconhecemos a complexidade dos aspectos que envolvem sua produção, circulação e do quanto esse objeto se constitui em uma importante fonte histórica para a discussão da inculcação de valores nas gerações de estudantes que deles fazem uso, aspectos já reconhecidos por Chopin (2002):

O manual está, efetivamente, inscrito na realidade material, participa do universo cultural e sobressai-se, da mesma forma que a bandeira ou moeda, na esfera do simbólico. Depositário de um conteúdo educativo, o manual tem, antes de mais nada, o papel de transmitir às jovens gerações os saberes, as habilidades (mesmo o "saber-ser") os quais, em uma dada área e a um dado momento, são julgados indispensáveis à sociedade para perpetuar-se. Mas, além desse conteúdo objetivo cujos programas oficiais constituem a trama, em numerosos países, o livro de classe veicula, de maneira mais ou menos sutil, mais ou menos implícita, um sistema de valores morais, religiosos, políticos, uma ideologia que conduz ao grupo social de que ele é a emanção: participa, assim, estreitamente do processo de socialização, de aculturação (até mesmo de doutrinação) da juventude.

<sup>3</sup> Não foram encontrados muitos dados biográficos da autora. Mas, sabe-se que nasceu em Santa Vitória do Palmar – RS, em 1900, tendo se tornado religiosa católica da ordem Franciscana da Penitência e da Caridade Cristã, assumindo o nome de Irmã Maria Antônia.

<sup>4</sup> Uma versão digital da 10ª edição do referido livro encontra-se disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/100097>.

Reconhecemos ainda, também concordando com Chopin, o quanto o livro didático pode dar a ler a sociedade que o produziu e, ainda mais precisamente, a imagem que a sociedade que o produziu e o fez circular quis dar de si, quis se fazer conhecida. Ou seja, os livros nos dão a ler valores que, em determinada sociedade e época, se pretendia assimilados, ainda que a efetiva assimilação não possa ser muito facilmente apreciada a partir da análise de tais fontes.

Se um livro de classe é necessariamente redutor, as escolhas que são operadas por seus idealizadores tanto nos fatos como na sua apresentação (estrutura, paginação, tipografia, etc.) não são neutras, e os silêncios são também bem reveladores: existe dos manuais uma leitura em negativo!

O que os manuais pretendem mostrar tem, por isso, menos interesse para o historiador do que a maneira como são feitos. Estudar, por exemplo, a imagem que os manuais americanos apresentam dos Negros, apreende-se bem mais sobre a sociedade americana contemporânea que sobre os próprios Negros, pois o discurso sobre o Outro remete uma certa imagem daquele que a tem. Há, portanto, nos manuais também uma leitura em espelho!

(CHOPIN, 2002, p. 22)

Aqui neste trabalho, a partir de uma perspectiva de inspiração foucaultiana, buscaremos traçar a normativa que se entranha no livro *Aritmética – 1º ano elementar* e descrever as relações de poder/verdade que se revelam nas falas inscritas no livro. Tais falas não dizem lugar só aos saberes matemáticos, mas a questões de gênero, de etnia e às questões sociais colocadas à época de sua escrita no Brasil e no Rio Grande do Sul, na segunda metade dos anos de 1930.

## **ARITMÉTICA – 1º ANO ELEMENTAR**

Tivemos acesso à segunda edição do livro, uma publicação encadernada com capa dura e colorida, medindo 15,5cm X 22cm, com 86 páginas, com excelente qualidade gráfica, gravuras coloridas, fonte tipográfica de bom tamanho e texto espaçado que, ao que parece, como declarado no texto dirigido “Aos Snrs Professores”, buscava atender

a um dos requisitos da ‘Escola Nova’ que é tornar o ensino prático e atraente, e romper de vez com a rotina e monotonia [...] procuramos conseguir o nosso fim, apresentando às crianças estampas várias para dar-

## XIV Seminário Temático

### Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970):

#### Sobre o que tratam os Manuais Escolares?

Natal – Rio Grande do Norte, 21 a 23 de março de 2016

Universidade Federal Rio Grande do Norte

ISSN: 2357-9889

4

---

lhes noção nítida dos números e das operações a se efetuarem. Aproveitaremos os ambientes em que vivem: o lar, a escola, os folguedos infantis, enfim, tudo que possa contribuir para interessá-las por um estudo aparentemente árido e monótono, e ao qual, em geral, os alunos têm pronunciada aversão.

(CONY, 1938, p.3)

Trata-se de um livro contendo atividades de matemática, dividido em onze tópicos que apresentam exercícios e problemas, prioritariamente de aritmética, envolvendo as quatro operações com números até 100, sendo multiplicação e divisão até 10. Os probleminhas estão sempre relacionados com objetos do cotidiano, inclusive com objetos da sala de aula. Possui ainda questões relacionadas ao sistema monetário brasileiro da época, questões de geometria e desenho e exercícios de revisão. Não possui um índice. Na contracapa consta a logomarca da Livraria Selbach e o preço quatro mil réis.

Chama atenção uma mudança drástica de projeto gráfico ao longo do livro. Passadas as primeiras dezesseis páginas, o livro reduz consideravelmente o número de imagens, simplificando também o número de cores nas poucas imagens que ainda aparecem, mas se limitando, quase que exclusivamente, ao texto das questões. É possível supor que tal mudança estivesse associada aos custos de produção e aos aspectos técnicos, uma vez que

Enquanto objeto fabricado, difundido e "consumido", o manual está sujeito às limitações técnicas de sua época e participa de um sistema econômico cujas regras e usos, tanto no nível da produção como do consumo, influem necessariamente na sua concepção quanto na sua realização material [...]

A própria redação de um manual não é "um puro ato pedagógico"; constitui um compromisso entre preocupações e imperativos de natureza diversa, didática e pedagógica, certamente, mas também técnica, financeira, estética, comercial...

(CHOPIN, 2002, p. 14; 21)

Além da adesão declarada, o livro possui traços que o identificam bem com a Escola Nova. Contar, medir, somar, subtrair, multiplicar e dividir bolinhas, bastonetes, botões, mesinhas, bonequinhos, copinhos, estrelas, bandeiras, cédulas, gatinhos, pernas de aranha, cerejas, penas, laranjas, balas, alfinetes, livros, lápis, bananas, cavalos, palitos, degraus, botas, balas, carteiras, fósforos, garrafas, réis, nozes, dias, horas, minutos, flores, bancos, ameixas, feijão, farinha, milho, açúcar, árvores, cadernos, idades, colegas,

## **XIV Seminário Temático**

### **Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970):**

#### **Sobre o que tratam os Manuais Escolares?**

**Natal – Rio Grande do Norte, 21 a 23 de março de 2016**

**Universidade Federal Rio Grande do Norte**

**ISSN: 2357-9889**

**5**

maninhos, casas, doces... marcas da escola ativa, com atividades experimentais e interação com a comunidade a partir do interesse e aspirações reais de cada criança.

Uma análise que discuta tal adesão ainda está por ser realizada, mas não será o foco do que pretendemos discutir neste trabalho, nos detendo, mais especificamente, nos indícios relacionados com os valores sociais da época disponíveis no texto.

No livro são visíveis os traços da ‘democratização’, da ‘escola a serviço de todos’. Aqui questões de classe social, de gênero, de etnia são fortemente marcadas pelos silenciamentos e ocultamentos. Todos são nomeados no livro, e endereçados. Nesse sentido, para alcançar o objetivo da investigação, recorreremos às problematizações de Elisabeth Ellsworth sobre os modos de endereçamento para discutir a fabricação das feminilidades na escola, pois o currículo, aqui analisado a partir desse livro didático, assim como os filmes, “visam e imaginam determinados públicos. Eles também desejam determinados públicos” (ELLSWORTH, 2001, p. 14).

Entendemos que esses públicos, nesse caso as meninas, nunca são exatamente aquelas indicadas no livro, pois nenhum discurso pode conformar a todas/os da mesma maneira e ao mesmo tempo. Ainda que o discurso ali presente endereçasse aos corpos de meninas e meninos determinadas posições de sujeito, haverá sempre um ponto de fuga entre, de um lado, o endereçamento, e, de outro, o que os corpos reinventam ou capturam, pois, “os significados dos corpos deslizam e escapam, eles são múltiplos e mutantes” (LOURO, 2003, p. 23).

O discurso da Escola Nova constitui os lugares de cada um nessa nova sociedade em constante transformação. Trabalhar, economizar, comprar (para outros), quebrar (dos outros) são algumas formas de endereçamento.

Uma criada foi ao mercado, levando uma nota de 10 mil réis. Pagou 4 mil réis de legumes e 3 mil réis de frutas. Quanto recebeu de troco?

[...]

Um empregado economiza 4 mil réis por dia. Quantos mil réis economizará em 8, 6, 7, 9, 3, 5, 10 dias?

[...]

Mamãe tinha uma dúzia de copos; a criada quebrou 3. Quantos ficaram?

[...]

Um operário trabalha, diariamente, 4 horas de manhã e 5 de tarde. Quantas horas trabalha em uma semana? Em 4 dias?

(CONY, 1938, p.21; 30; 32; 36)

## XIV Seminário Temático

Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970):

Sobre o que tratam os Manuais Escolares?

Natal – Rio Grande do Norte, 21 a 23 de março de 2016

Universidade Federal Rio Grande do Norte

ISSN: 2357-9889

6

No livro em questão os diferenciais de gênero são bastante acentuados. Em suas ilustrações as meninas são desenhadas sempre em atividades passivas, de olhar, de espiar as brincadeiras dos meninos. Estes sempre em movimento, protagonizando as histórias, como se pode notar nas figuras a seguir, que apresentamos como exemplo:



Figura 1: Aritmética – 1º ano elementar, p. 5.



Figura 2: Aritmética – 1º ano elementar, p. 5.



Figura 3: Aritmética – 1º ano elementar, p. 9

Como já dissemos, o livro apresenta a indicação da sociedade que gostariam que fosse dada a ver, a definição de uma estética infantil, a indicação de comportamentos que deveriam ser assimilados, mas, não necessariamente, aqueles que efetivamente se praticava. Portanto, o que se indica no livro é a fabricação de um público, de feminilidades, de uma forma de viver o gênero e a sexualidade que se queria dar a ver. Ou seja, estamos considerando que havia uma intencionalidade nas imagens apresentadas no livro, associada àquilo que a autora e a editora pretendiam dar a ver e fazer ver. Trata-se, então, de um processo atravessado por relações de poder. Sobre isso é necessário dizer que, de maneira ainda mais ampla, a “educação institucionalizada e o currículo – oficial ou não – estão, por sua vez, no centro do processo de formação de identidade” (SILVA, 1999, p. 27).

Sob essa ótica é possível pensar a historicidade das práticas discursivas produzindo ao longo do tempo papéis sexuais que resultaram na divisão hierarquizada entre homens e mulheres. Ao discutir essas práticas, Foucault, diz que:

Elas ganham corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e difusão, em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm.

(FOUCAULT, 1997, p. 12)

Outra imagem emblemática das demarcações socioculturais entendidas na época se expressa na uma única referência a um negro que aqui é nomeado como a criança

## XIV Seminário Temático

Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970):

Sobre o que tratam os Manuais Escolares?

Natal – Rio Grande do Norte, 21 a 23 de março de 2016

Universidade Federal Rio Grande do Norte

ISSN: 2357-9889

8

fugitiva, em uma cena onde é perseguido por três aves e observado por outras três crianças brancas. É a introdução ao trabalho com o número 4, como se nota na figura a seguir:



Figura 4: Aritmética – 1º ano elementar, p. 7

O texto que acompanha a imagem “2 crianças espiando, mais uma sentada, mais uma fugindo, quantas são? (CONY, 1938, p.7)”, contribui na direção do que já vínhamos discutindo a respeito do quanto o livro didático defende certos discursos e silencia outros em que se estabelecem relações de poder, descrevendo os atores desse currículo e as ações, seus lugares na sociedade, garantindo a inscrição de cada um para referendar esta verdade.

Com isso, não pretendemos aqui incorrer no anacronismo de atribuir à autora ou à editora a pecha de machista ou racista a partir de parâmetros atuais, mas, a rápida análise de alguns elementos do livro foi suficiente para identificarmos discursos em voga à época expressos em trechos e imagens do manual.

A demarcação das diferenças de gênero e étnicas é muito expressiva nos silêncios indicados na obra. As diferenças nas situações, vestimentas e comportamento entre meninas e meninos e entre crianças negras e brancas, a partir do que o livro dar a ler, denota de modo claro a maneira como aquela sociedade se via ou, melhor, queria ser vista e reconhecida, são muito eloquentes nos discursos aparentemente neutros e sem cunho político.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

## XIV Seminário Temático

### Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970):

#### Sobre o que tratam os Manuais Escolares?

Natal – Rio Grande do Norte, 21 a 23 de março de 2016

Universidade Federal Rio Grande do Norte

ISSN: 2357-9889

9

O presente trabalho apresentou reflexões a respeito do quanto o livro didático *Aritmética – 1º ano elementar*, publicado em 1938, carrega discursos que ultrapassam os saberes matemáticos, defendendo certos valores e silenciando outros a partir das imagens e dos textos das questões de matemática, estabelecendo relações de poder, descrevendo os atores desse currículo e as ações, seus lugares na sociedade, garantindo a inscrição de cada um para referendar esta verdade a respeito de questões de gênero, de etnia e de outras questões sociais em voga no final dos anos de 1930 no Brasil e no Rio Grande do Sul.

## REFERÊNCIAS

CHOPPIN, A. O historiador e o livro escolar. *História da Educação*. (FAE/UFPel), Pelotas, n. 11, p. 5-24, abr. 2002.

CONY, C. *Aritmética – 1º ano elementar*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1938.

ELLSWORTH, E. *Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também*. In: SILVA, T. T. (Org.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, M. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970- 1982)*. Tradução Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LOURO, G. L. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2003.

SILVA, T. T. *Currículo como fetiche: a prática e a política do texto curricular*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.